

# Viagens da Saudade

## **Coordenação**

Maria Celeste Natário  
Paulo Borges  
Luís Lóia

## **Organização**

Cláudia Sousa  
Nuno Ribeiro  
Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário  
Paulo Borges  
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa  
Nuno Ribeiro  
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Flávio Antônio Fernandes Reis\*

**As Saudades de Clarimundo: O Lugar Maravilhoso na Narrativa Cavaleiresca de João de Barros**

**Resumo:** Pretendemos mostrar brevemente os efeitos retóricos da composição do lugar maravilhoso na narrativa de João de Barros, detendo-nos no episódio da viagem de Clarimundo a Portugal.

**Palavras-chave:** Descrição; João de Barros; Clarimundo; Quinhentismo.

**"Saudades de Clarimundo": the "miraculous place" in the narrative of cavalry of João de Barros**

**Abstract:** We intend to show briefly the rhetorical effects of the composition of the wonderful place in the narrative of João de Barros, analyzing this aspect in the episode of the trip of Clarimundo to Portugal.

**Keywords:** Description; João de Barros; Clarimundo; century XVI.

---

\* Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

O Clarimundo de João de Barros, publicado em 1522 e dedicado ao príncipe e logo rei D. João III, é a primeira narrativa do gênero escrita em língua portuguesa com matéria lusitana e propõe-se como «genealogia da Casa Real portuguesa»<sup>198</sup>. A ficção da cavalaria insere-se nas necessidades políticas de enaltecimento da Casa Real, conferindo-lhe a linhagem conveniente para as prerrogativas que lhe competem: um rei como D. Manuel I e seu herdeiro, D. João III, a quem a obra é dedicada, necessariamente proviriam de um ancestral absolutamente exemplar no que diz respeito à bravura, à excelência ética e à piedade divina. Essas três virtudes e muitas outras, à maneira de um catálogo de «dever ser» abundam na narrativa, num procedimento quase esquemático de demonstração do caráter de um monarca excelente. Por isso, a leitura da narrativa de João de Barros segundo seus desdobramentos morais (como espelho de virtudes régias) é um caminho de interpretação muito produtivo não havendo página em que não se figure a excelência ética e, mais do que isso, quase todos os episódios concluem-se com dizeres éticos, apotegmas, aconselhamento que se valem do que se narrou e ilumina o leitor dos saberes nele preconizados. Eduardo Lourenço, no conjunto de ensaios intitulado *Mitologia da Saudade*, aplicou sua lupa agudíssima e inquieta na investigação da saudade e da viagem. Nesse livro, tratou do Clarimundo no capítulo intitulado «Clarimundo: simbologia imperial e saudade» e a lembrança desse estudo dá-se pelo fato de que nos valeremos da conhecida habilidade de síntese de Lourenço para concluir nossa breve apresentação do livro de que tratamos:

Para quem pasme com as proezas maravilhosas de Clarimundo que lhes baste «a experiência das nossas presentes». Estamos no centro do seu propósito, ao assimilar de algum modo a História, não apenas a uma profecia às avessas, mas a um texto simbólico em que a verdade do presente (as aventuras marítimas

---

<sup>198</sup> A obra compõe-se pela «Tavoada» dos três livros; por dois prólogos: «Prólogo feyto depoy desta obra imprensa», dirigido ao rei D. João III e um «Prólogo sobre a trasladaçam da primeira parte da cronica do emperador Clarimundo...», dedicado ao príncipe D. João; a «Concordança que o trasladador faz antre dous cronistas sobre a vinda de dom Anrique nestes reynos despanha e sobre sua genealogia.»; por 114 capítulos, divididos em três livros: o *libro primeiro*, do fólho III ao LIII, do capítulos I ao XXXIII (sic) (34 capítulos); o *libro segundo*, do fólho LIII ao CXXIII r., do capítulo XXXV ao LXXVIII (43 capítulos) e o *libro terçeyro*, do fólho CXXIII r. ao CLXXVI, do cap. LXXIX ao CXIII (35 capítulos).<sup>198</sup> Há um evidente equilíbrio na extensão dos capítulos, ordenados em três livros: o livro primeiro trata da família, do nascimento, da criação, da sagração do herói como cavaleiro, de várias batalhas, entre elas, o embate com os gigantes Learco e Pantafasul para libertar a rainha Briaina que reconhece em Belifonte seu filho Clarimundo. O primeiro livro conclui-se com a chegada e os combates da Ilha Perfeita. Nesse livro chama-se Belifonte e Cavaleiro das Lágrimas Tristes. O livro segundo trata dos amores do cavaleiro, os feitos em armas, os episódios de corte, sobretudo em Constantinopla. Nesse livro ocorre a aventura na qual Clarimundo, encantado pelo «vaso de esquecimento» dado de Farpinda, torna-se o «Cavaleiro Descuidado» que a tudo respondia «em metro». O terceiro livro trata das «grandes cousas» que profetizou o Sábio Fanimor sobre os reis de Portugal, a traição de cavaleiros, as maiores lutas de reis cristãos contra turcos, o casamento com a princesa Clarinda de Constantinopla.

portuguesas) garante a verdade aparentemente inverossímil, do passado. Estranhas, inauditas, as aventuras do cavaleiro Clarimundo, sagrado imperador de Constantinopla e antepassado mítico da casa real portuguesa? Não mais que as aventuras reais dos descobridores do caminho marítimo para a Índia e dos conquistadores das praças marroquinas.<sup>199</sup>

Perguntamos também, inspirado pela indagação de Eduardo Lourenço: É estranho o Portugal figurado na narrativa, lugar para onde Clarimundo é levado por meio de maravilhosa aventura? Não no sentido de que o Portugal figurado é retoricamente composto para condizer com a dignidade que o mago Fanimor vaticina para a geração dos herdeiros de Clarimundo: «que foram tão cristianíssimos e poderosos reis, como os Portugueses têm alcançado, (sendo primeiro da Suma Potência concedido.», como se pode ler no *Prólogo dirigido ao príncipe D. João*.

O maravilhoso, no sentido que se encontra na *Poética* aristotélica<sup>200</sup>, trata daquilo que surge inesperadamente na composição (*ekplexis*). No entanto, se na *Poética*, *ekplexis* (inesperado) distingue-se do *alogon* (irracional, absurdo), nas narrativas de aventura, essa noção de irracionalidade e de absurdo é bastante relativa. Não esqueçamos o que Cervantes declara na narrativa do Quixote acerca das cavalarias, tipo de composição «de que nunca se ocupou Aristóteles, nem disse nada São Basílio, nem alcançou Cícero», todavia, embora a preceptiva poética aristotélica não seja horizonte doutrinário no qual se devam ajuizar as narrativas de cavaleiros, não é inadequado levar em conta aquilo que a mesma preceptiva aristotélica censura: a irracionalidade desnecessária segundo a trama do discurso. Acerca disso, Helio Alves, pensando sobre o maravilhoso n' *Os Lusíadas*, lembra que o maravilhoso e a necessidade inerente ao enredo devem integrar-se harmonicamente<sup>201</sup>. Outra noção inerente à regulação do maravilhoso é a noção horaciana do decoro e da finalidade: ajuste entre a *res* e as *verba*, ou seja, a conveniência do que se diz e do modo como se diz. Nesse sentido, nas narrativas de batalhas e aventura de cavaleiros ocorre tanto a harmonia entre o enredo e a necessidade, quanto a conveniência ou finalidade do discurso, sendo aceitável, crível e desejável que um cavaleiro eleito e guiado por Deus para ser o

---

<sup>199</sup> LOURENÇO, Eduardo, «Clarimundo: simbologia imperial e saudade», in: *Mitologia da Saudade*, Companhia das Letras, São Paulo 1999, p. 37.

<sup>200</sup> O maravilhoso tem lugar primacial da tragédia; mas na epopeia, porque ante os nossos olhos não agem atores, chega a ser admissível o irracional, de que muito especialmente deriva o maravilhoso. Em cena, ridícula resultaria a perseguição de Heitor: os guerreiros que se detêm e o não perseguem, e [Aquiles] que lhes faz sinal para que assim se quedem. Mas, na epopeia, tudo passa despercebido. Grato, porém, é o maravilhoso; prova é que todos, quando narram alguma coisa, amplificam a narrativa para que dê mais interesse. *Poética*, 1460<sup>a</sup>. Tradução de Eudoro de Sousa.

<sup>201</sup> Cf. ALVES, Hélio, «Maravilhoso n' *Os Lusíadas*», in: SILVA, Vítor Aguiar (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, Leya, São Paulo 2011.

ascendente primeiro da Casa Real portuguesa transcorra por aventuras e terras maravilhosas, cujos sucessos corroboram sua eleição e seus merecimentos.

Em suma, o maravilhoso, na narrativa de cavalaria, é sua grande matéria prima retórica, seu efeito mais recorrente, sendo ocasião de repúdio, por parte dos moralistas que o entendiam como satisfação ociosa do apetite; ou, em contrapartida, para aqueles que o defendem, entendem-no pelo proveito do deleite aliado ao ensinamento útil. Nem todas as narrativas de cavaleiros resultam nesse último aspecto - o proveito moral, no entanto, no caso particular do Clarimundo, mais que aconselhamento régio de efeito público, coadunam-se a utilidade e o prazer, figurando nas aventuras de Clarimundo a demonstração de valores morais fartamente doutrinados nos tratados de filosofia moral. Ademais, o espaço, os lugares ou cenários são categorias decisivas nas narrativas de cavaleiros e batalhas, por um lado, para dar estofa à dinâmica de movimento dos protagonistas; por outro, como elemento descritivo necessário para os efeitos que se produzem na narrativa das ações. Os lugares são, portanto, ajustados para completarem-se com as ações que neles se transcorrerão, sendo coloridos segundos recursos de composição retórica que se valem de ornamentos como a ecfrasis, a minudência, a enumeração, a gradação etc. Assim, os lugares são tão diversos quanto as aventuras dos cavaleiros andantes e esses espaços as emolduram, acrescentando-lhes, em geral, o efeito do maravilhoso.

No capítulo LXXIX, quando o sábio Fanimor e Clarimundo aproximam-se por mar das terras portuguesas, a narrativa dramatiza os lugares-comuns de elogio de lugar, compondo o maravilhoso pela descrição da natureza segundo as tópicas da *evidentia* latina. A descrição da natureza constitui o cenário decoroso para as ações elevadas e, nesse sentido, as fontes de invenção como a *Odisseia* e a *Ilíada* fornecem alguns modelos para a composição de lugares, tais como os lugares onde vivem as ninfas, no canto XX da *Odisseia*, ou também a descrição da Ilha das Cabras, no Canto IX da *Odisseia*:

Tudo em sua estação produziria:  
Junto à costa oferece regadios  
E moles prados; ao vinhedo é própria;  
E fofo o solo e para meses pingue.<sup>202</sup>

---

<sup>202</sup> HOMERO, *Odisseia*, trad. de Odorico Mendes, EDUSP, São Paulo s. d., IX, 97 e segs.

O lugar maravilhoso compõe por virtudes como a fertilidade e evidencia-se pela variedade e fartura dos frutos tal como aparece nos jardins de Alcino, no canto VII da *Odisseia*, no qual há frutas de diversos tipos, revelando a cópia e variedade da natureza. Também compõem estes lugares os ventos e a beleza perene, «onde reina a primavera e sopra o eterno oeste», tal como se apresenta a Ilha dos Feácios. Como nos mostra Curtius, a descrição da natureza é uma tópica antiga que aparece com diferentes aspectos nas obras de Homero, Teócrito, Virgílio e Ovídio dentre outros, com efeitos bem práticos na composição de cena no discurso epidítico:

Tanto a eloquência forense quanto a política foram superadas, no fim da Antiguidade, pela epidítica: mas seu sistema sobreviveu, o que provocou naturalmente confusão e mistura dos diversos estilos. Tornamos a encontrar, na poética medieval, os argumentos a loco e a tempore. Mas a descrição da paisagem também comportava a teoria dos argumentos retóricos do discurso epidítico. O tema principal desse gênero de discurso é o elogio. E entre as coisas a serem louvadas, incluem-se as localidades. Podem ser dignas de louvor pela sua beleza, pela sua fertilidade, pela sua salubridade (Quintiliano, III, 7, 27), Na neo-sofística, será então cultivada a descrição (ekphrasis, descriptio) e empregada na paisagem.<sup>203</sup>

O lugar retórico da descrição evidencia-se na própria diegese dos textos e, no caso do *Clarimundo*, a descrição parece atender às necessidades de esboçar o teatro de um acontecimento, aquilo que os gregos chamavam de *topografia* ou os latinos deram o nome de *positus locorum* ou *situs terrarum*, termos que lembram outra obra dedicada à viagem, não menos rica em descrições do maravilhoso, o *Esmeraldo de situs orbe* de Duarte Pacheco, dedicada ao rei D. Manuel com o enaltecimento das virtudes das terras conquistadas.

A descrição da natureza, importa reforçar, é procedimento comum de narrativas de conquistas e retoricamente desempenha importante papel argumentativo na composição do discurso demonstrativo pelo fato de que o elogio do lugar é artifício eficaz de amplificação da matéria. Nesse sentido, em muitas passagens do *Clarimundo*, a *enargeia* grega ou *evidentia* latina dramatiza-se na descrição da natureza, mobilizando assim tópicos recorrentes nas narrativas de cavaleiros. Por fim, a passagem do Clarimundo na qual se descreve a chegada dos cavaleiros às terras portuguesas:

Começaram entrar per huu[m]ryo que vinha cuberto daq[ue]llas maçãs e flores: en tãta quãtidade q[ue] empediam as naaos que vinham huu[m]jas ante outras cõ vento muy brãdo y gracioso. E entrando já ante as terras começã as antenas tocar de quando em quando pellas pontas das ramas: e cõ força que levavã

---

<sup>203</sup> CURTIUS, Ernst Robert, «Heróis e soberanos», In: *Literatura europeia e Idade Média latina*. Trad.de Teodoro Cabral. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro 1957, pp. 200-201.

sacodiam as flores e fruytas donde se causava hyr o ryo quaihado [de]llas. Pois os rouxinoes e pássaros eram tantos sobre a enxarceas mostrando o prazer daquella vynda: que vê[n]çiam em numero a todallas flores.<sup>204</sup>

Na descrição, a fertilidade (na fartura de frutas) e a beleza (pela cópia de flores e o canto dos pássaros) completam-se na amenidade do clima pela «brandura e graciosidade dos ventos». Como temos visto, Ernst Robert Curtius, nos estudos que apresenta acerca da «paisagem ideal», analisando as apropriações gregas e latinas na descrição retórica da natureza na composição de boques, do *locus amenus*, sobretudo na paisagem épica, lembra-nos a recorrência, na pratica letrada medieval e posteriormente, da adoção de motivos como a composição do «sítio ideal da primavera eterna, como teatro da vida bem-aventurada depois da morte, amável nesga da natureza, reunindo árvores, fontes e relvas; a floresta com diferentes espécies de árvores; o tapete de flores.»<sup>205</sup>.

No tocante à composição retórica do lugar, serão úteis os argumentos *a loco* e *a tempore* (sobre o lugar e o tempo), mais especificamente colhidos dentre os *loci communes* do gênero epidítico, gênero que se ocupa das matérias de elogio ou vitupério. Nesse sentido, dentre as coisas a serem louvadas, incluem-se as localidades, como exaustivamente expõe Menandro, o retor, nos seus *Tratados de Retórica Epidítica*, em cujo primeiro tratado versa sobre o elogio de cidades e países, de criaturas vivas e objetos inanimados. Há, segundo os efeitos que se pretende, lugares comuns de argumento relativos à abundância, à fertilidade, à eleição junto dos deuses, à agudeza dos saberes técnicos dos moradores; as condições geográficas e meteorológicas e suas virtudes. No entanto, as fontes de invenção mais significativas para a composição do lugar maravilhoso estão presentes nos poetas, sobretudo, na epopeia virgiliana e na poesia pastoril. Mais ainda, a descrição da natureza na poesia latina clássica impõe-se como cenário convencional no qual se assentam personagens e matérias necessariamente enformados no lugar, não sendo, portanto, arbitrário o cenário e o que nele se assenta. As maçãs abundantes, as flores, a suntuosidade das árvores, na *descriptio* do Clarimundo funcionam retoricamente como convenções do elogio e põem em evidência a fartura, a primavera frondosa, a fertilidade de frutos numeroso e de vegetação grandiosa. Para a narrativa, nada importa a característica empírica da fauna e flora locais ou o improvável de tantas maçãs importunarem a navegação, objetiva-se a eterna primavera que essas

---

<sup>204</sup> *Primer parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reis de Portugal descendem*, cap. LXXIX, fol. CXXVI.

<sup>205</sup> CURTIUS, «Heróis e soberanos», op. cit., p. 103 - 104.

cores e elementos mais que sugerem: hipertrofiam-se as virtudes naturais para a composição do lugar maravilhoso: os ventos aprazíveis, a quantidade de frutos, a vegetação agigantada, a profusão dos pássaros e seus cantos. Ademais, nesse lugar necessariamente maravilhoso, reinarão reis virtuosos, segundo as profecias de Fanimor reveladas no capítulo LXXXII. Nesse cenário vicejarão a descendência dos reis de Portugal de D. Afonso Henrique a D. João III; a descendência virtuosa de Clarimundo, matriz excelente de excelente prole.

Com isso, para concluir, devemos ressaltar um dos aspectos da narrativa de João de Barros, tido como modelo de escrita elegante e elevada desde o século XVI: na composição das aventuras do Clarimundo confluem os modelos mais elevados das letras antigas, tanto na formulação linguística do português de inícios do século XVI como convenções da prosa medieval dos cavaleiros andantes e da poesia antiga grega e latina nos seus diversos gêneros. O maravilhoso dos lugares pintados à vista do leitor junta-se à maravilha da elocução da narrativa, resultando em deleite e proveito.

### **Referências bibliográficas**

- ARISTÓTELES (1998), *Arte Retórica*, Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Lisboa: INCM.
- ARISTÓTELES (2008), *Arte Poética*, Tradução e notas de Eudoro de Sousa, Lisboa: INCM.
- ALVES, Hélio (2011), Maravilhoso n'Os Lusíadas. In: SILVA, Vítor Aguiar e (coord.), *Dicionário de Luís de Camões*, São Paulo: Leya,.
- BARROS, João de (1522), *Prymera parte da cronica do emperador Clarimundo donde os Reys de Portugal descendem*, German de Galharde.
- BARROS, João de (1953), *Crônica do imperador Clarimundo*, Coleção Clássicos Sá da Costa, Ed. de Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa Editora.
- CURTIUS, Ernst Robert (1957), «Heróis e soberanos». In: *Literatura europeia e Idade Média latina*. Trad.de Teodoro Cabral, Instituto Nacional do Livro: Rio de Janeiro.
- LOURENÇO, Eduardo, «Clarimundo: simbologia imperial e saudade». In: *Mitologia da Saudade*, São Paulo, Companhia das Letras: 1999.
- HOMERO, *Odisseia*, trad. de Odorico Mendes, EDUSP, São Paulo: s. d.